

AS ITALIANIDADES

Um estudo dos diferentes modos de representação de pertencimento entre descendentes de imigrantes italianos na Serra Gaúcha

Beatriz Rodrigues Kanaan*

RESUMO: Este artigo faz parte de uma pesquisa etnográfica sobre relações interétnicas entre descendentes de imigrantes italianos e sujeitos provenientes de outras regiões no nordeste do Rio Grande do Sul. Aqui, especificamente, trato de evidenciar que a noção de italianidade, apreendida como categoria ampla na construção de um nós coletivo, na verdade traduz-se em diversos modos de representação de pertencimento. A partir do amplo leque de usos dessa identidade no cotidiano dos descendentes, há uma trajetória de definições e redefinições que evidenciam a sua historicidade. As reflexões deste trabalho podem ser entendidas como uma arqueologia da italianidade, na medida em que busca relacionar o sentido das noções identitárias acionadas no presente a diferentes momentos do passado, ou seja, no processo histórico do grupo.

Palavras-chave: imigração, identidade étnica, italianidade.

ABSTRACT: This article is part of ethnographic research about ethnic relations between Italian-descendants and people from others regions in northeast Rio Grande do Sul. Here, specifically, I intend to prove that italianity notion, apprehended as widely category in the constrution of a colletivity, indeed is expressed int many ways of belonging representation. From the wide range of uses of italian identity in daily life of descendants, there is a history of definitions and redefinitions that shows its historicity. This study can be understood as an archeology of the italianity because relates the meaning of identity notions at different times of the past or in the historical process of the group.

Key-words: immigration, ethnic identity, italianity.

A imigração

No final do século XIX, a expansão do capitalismo mundial, desencadeou um grande fluxo emigratório na Europa. Entre 1875 e 1914 entraram no Rio Grande do Sul cerca de 100 mil imigrantes. (DE BONI;1979) Participaram desse fluxo imigrantes agricultores provenientes de diferentes regiões do norte da Itália – vênnetos, lombardos, trentinos e friulanos, que colonizaram as terras consideradas devolutas na Encosta Superior do Nordeste gaúcho.¹

Como a distribuição de lotes nas colônias obedecia à ordem de chegada não houve formação de núcleos que agregassem grupos de mesma procedência . Isto ocasionou uma relativa heterogeneidade entre os primeiros imigrantes que se instalaram na região, levando

* Mestre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹ A ocupação das terras por imigrantes italianos começou em maio de 1875. Foram planejadas três colônias para esse território: Fundos de Nova Palmira, logo renomeada Caxias, Conde D’Eu (atual cidade de Garibaldi) e Dona Isabel (atual cidade de Bento Gonçalves).

Azevedo (1975) a afirmar que as colônias, em seu período inicial, eram pequenas ilhas culturais e que a identidade dos “italianos” começou a ser construída no momento da chegada, quando assim foram chamados pela primeira vez, pelos brasileiros. As diferenças identitárias trazidas das regiões de origem dos imigrantes foram, inicialmente, negociadas entre eles próprios, ao mesmo tempo em que ia se constituindo uma identidade étnica na relação com a sociedade do entorno.

Esse território hoje é reconhecido como zona de colonização italiana e, os descendentes acionam constantemente, através de alguns sinais característicos, a sua identidade *de origem*. As instituições locais têm grande preocupação em promover situações que exaltem a “cultura italiana”. O impulso ao trabalho, a valorização da família e da fé católica assim como o empreendedorismo são elementos culturais constantemente lembrados e apontam tanto para a importância da manutenção das fronteiras, face o contato com os “de fora”, quanto para a manutenção do próprio grupo.

No entanto, em um contato mais estreito com os descendentes evidencia-se que o sentimento de pertencimento à italianidade não apresenta a mesma forma de expressão entre eles. Para além desse discurso hegemônico que informa sobre a identidade dos descendentes de imigração italiana da região, pode-se perceber variações no que diz respeito a como se percebem a si mesmos nesse contexto social marcado pela etnicidade.

As reflexões aqui expostas estão baseadas em consultas a fontes documentais e bibliográficas, e em uma pesquisa de campo na qual, além de entrevistas com descendentes de terceira e quarta gerações, na cidade de Farroupilha,² procurei contemplar diferentes níveis de discursos e práticas cotidianas em diferentes contextos da vida social.

As noções da identidade dos imigrantes serão apresentadas neste estudo sob dois focos: uma perspectiva sincrônica, construída a partir de entrevistas com descendentes de imigrantes italianos, moradores da cidade. E uma abordagem diacrônica, baseada em bibliografia, onde essas representações estão relacionadas a momentos históricos distintos, contextualizando e mapeando as diferentes construções dessas noções.

Os pioneiros

A cidade de Farroupilha, dentre as cidades da região é considerada o “Berço da Imigração Italiana” uma vez que em território hoje pertencente ao município, distrito de Nova

² Farroupilha é uma das muitas cidades de colonização italiana do nordeste do Rio grande do Sul. Inicialmente, integrante da colônia de Caxias, em 1934 veio a emancipar-se como município. Hoje conta com cerca de 70 mil habitantes e sua economia é predominantemente industrial.

Milano,³ foi construído em 1875, um barracão que abrigou os primeiros imigrantes italianos que subiram a serra. Nesse prédio ficavam aguardando até o momento de se dirigirem aos seus lotes em meio à mata nativa. A construção do barracão não existe mais. No entanto, hoje, estão aí localizados um parque e um monumento comemorativo ao centenário da imigração e também uma reprodução, em placa de bronze, dos passaportes das três primeiras famílias que chegaram.⁴ Há pouco tempo tramitou um projeto para a construção de um santuário dentro desse parque, onde além da imagem de uma santa, seriam instalados três nichos com os restos mortais dos casais pioneiros. Sacralizar-se-ia, assim, nas cinzas das famílias pioneiras, a fundação do grupo.

Essa origem relacionada às genealogias de famílias que se diferenciam etnicamente, fundada em antepassados reais, que Lewgoy (1992) classifica como um mito etnogônico, constitui atualmente uma arena de negociação de status entre os descendentes. Isto pode ser observado no dia a dia da população quando em conversas triviais disputam legitimidades de pertencimento ao grupo.

Essa noção de pertencimento, fundada no fato da chegada reforça a idéia entre alguns descendentes de uma identidade atribuída somente aos que aqui nasceram e se estabeleceram e ainda origina nuances de italianidade, onde alguns se consideram e são considerados mais puros que outros, conforme maior ou menor proximidade de seus ancestrais com os primeiros indivíduos a chegarem. Dessa forma, os indivíduos nascidos na Itália, e que lá vivem são por eles chamados de “italianos estrangeiros”, ou seja, italianos de fora do grupo.

“Colona é a nonna”

Outra representação compartilhada de “ser italiano”, observada entre os descendentes, pode ser relacionada a valores e práticas vividos “nas colônias”, pequenas propriedades derivadas dos lotes distribuídos entre os imigrantes. Esses lotes situavam-se dentro das Linhas ou Travessões que inicialmente não eram mais que simples picadas no meio do mato, abertas pelos próprios imigrantes. Similar aos *paese* de onde provinham, construíram um espaço de convívio coletivo, em torno da Igreja. Essa organização característica dos imigrantes italianos na Serra Gaúcha, onde a autoridade máxima esteve, inicialmente, a cargo do padre ficou conhecida como Comunidade de Capela. (DE BONI; COSTA:1979)

³ Os primeiros imigrantes que chegaram ao local eram provenientes de Olmate, província de Milão, motivo pelo qual recebeu esse nome. (DE BONI; COSTA, 1979)

⁴ As três primeiras famílias que oficialmente adquiriram os lotes na colônia de Fundos de Nova Palmira, posteriormente denominada Caxias foram: Speraficco, Radaelli e Crippa.

É na lembrança dessa vida rural que D. Dalva ancora sua noção de italianidade. Ela relata com o sotaque característico dos descendentes de italianos como era a vida nas colônias para desta forma identificar os elementos que considera autênticos constituintes de uma “cultura italiana”.

Italiano era nós, lá na colônia. Minha ‘nonna’ veio da Itália, veio pequena para cá. Para um lugar chamado Mato Perso. Interior aqui de Faropilha. A zente vivia uma trabalhadeira danada. Se cuidava da horta, dos animal: porco, galinha... Tinha até vaca de leite. Domingo é que a zente saía, encontrava outras pessoas. Era uma festa, quando se ia até a Capela. A zente ia até a porta da igreja com os sapatos – só se tinha um -, em baço do braço. Uma porque se fosse até lá com ele calçado, çegava que era só baro, as estradas erom no meio do mato, nom existia asfalto como hoze. Outra porque como a zente nom era acostumado a andar calçado, doía muito os pé. A missa era bonita! Eu nom entendia nada da missa, mas aquelas voz, aqueles canto, eu gostava muito. As pessoa erom muito mais reliziosa antigamente, o italiano já foi mais relizioso, também era mais apegado à família. É como te digo, ta tudo diferente, ninguém mais é o mesmo italiano, aço que ton ficando misturado. (Aposentada, natural da zona rural de Farroupilha, descendente de imigrantes italianos. Depoimento tomado em mar/2007)

Se, por parte dos discursos oficiais, do período da imigração, houve a valorização do imigrante como agente civilizador, por parte dos membros dos grupos do entorno, com os quais os agricultores recém chegados estiveram em contato, houve a estigmatização. O termo “colono”, além de designar os imigrantes agricultores, significava também a falta de atributos considerados positivos pelos grupos nacionais. Ou seja, “colono remetia à noção de pessoa com carência de ambição, de traquejo social, de elegância, de postura corporal e comportamental, de senso de oportunidade e de progresso, de arrojo, de perspicácia, de sagacidade” (TEIXEIRA,1988:54). A estigmatização do colono – pequeno agricultor, pobre – é compreendida por Singer (1977), num contexto de hegemonia econômica do latifúndio pecuarista e de relações ainda escassas entre os gaúchos e os imigrantes.⁵

“Nós os ítalo-gaúchos”

A atual industrialização da região foi financiada pelo capital acumulado nas mãos do comerciante. (GIRON,1994; MAESTRI,1997; DE BONI;COSTA,1989) A casa de comércio era o ponto mais importante da economia colonial. O dono do armazém era quem controlava a produção do agricultor, fixava os preços, monopolizava o crédito ao realizar as transações

⁵ Como veremos mais adiante, hoje, o empobrecimento da região pecuarista do Rio Grande do Sul e a acumulação de riqueza na região colonização italiana, propicia o enaltecimento da trajetória do colono à grande empresário, ao mesmo tempo em que atribui aos “brasileiros” uma valoração negativa.

comerciais entre a colônia e os centros urbanos. Nesse trânsito das trocas comerciais o dono do armazém também demonstrava sua habilidade em lidar com distintos grupos. Dessa forma o comerciante foi conquistando poder econômico e prestígio social.

Trabalhar com comércio significava, para muitos, abandonar a agricultura, deixar de ser colono. A atividade comercial, nesse período, era símbolo de uma vida abastada e moderna almejada entre os colonos. Ainda hoje, pode-se observar, entre os descendentes de imigrantes italianos que tiveram um comerciante como antepassado, a distinção com que se referem a esse fato. O Sr. Avelino, hoje, um grande empresário de Farroupilha conta como desejava abraçar a profissão de comerciante quando ainda morava na colônia, evidenciando a representação que esta atividades tinha entre os agricultores da região.

Eu vinha sempre à cidade com minha mãe. Eu ficava vendo aqueles moços trabalhando nas casas de comércio. Eu achava lindo aquilo. Um dia disse à minha mãe que meu sonho era um dia trabalhar em balcão. Tu não imagina, quando fiz 17 anos, ela me conseguiu pra trabalhar de ajudante num armazém aqui em Farroupilha. Pra mim foi uma grande felicidade. (Empresário descendente de imigrantes italianos, natural de Farroupilha, depoimento concedido em outubro de 2006.)

Uma vez detentor de poder, o comerciante aproximou-se de seus interlocutores econômicos e políticos regionais ao mesmo tempo em que se distinguiu dos descendentes de imigrantes italianos estigmatizados como “colonos”.⁶

Alguns descendentes, hoje, recordam que “houve uma época” em que nos momentos festivos ou oficiais, o prato típico servido para as autoridades em visita ao município era o churrasco. Lembram também as noites em que a elite local deliciava-se com a degustação de um “legítimo carreteiro de charque”. Estes são elementos da cultura gaúcha que aparecem agregados à identidade “italiana”, ou melhor, a um segmento da sociedade que está ascendendo econômica e politicamente.

Em jornais da década de 70, prefeitos e demais autoridades locais fazem-se fotografar tomando chimarrão para veicularem, através dos meios de comunicação, uma imagem ligada a um elemento que é típico do gaúcho. Na tentativa de se afastarem da imagem do colono imigrante pobre e estigmatizado, buscam distinção em elementos da cultura gaúcha do

⁶ Seyferth (1993), ao analisar as colônias de imigração alemã no sul do Brasil, comenta que nas colônias a classe burguesa é que aparentemente se “assimila” primeiro. A autora percebe nessa elite um discurso assimilacionista que a afasta da imagem do colono ao buscar proximidade nos valores da elite brasileira. No entanto, ao mesmo tempo, mantém uma identidade própria, distinta também da brasileira. Da mesma forma a elite colonial de descendentes de italianos nesse contexto deixa de ser “colona” e passa se identificar com as elites regionais gaúchas.

entorno reivindicando uma identidade hifenizada: ítalo-gaúchos.⁷ A partir da metade do século XX a região de Colonização Italiana adere ao movimento tradicionalista gaúcho na ânsia de integração à cultura regional, tomando o gaúcho como um tipo social superior.(AZEVEDO,1975) Hoje, muitos são os descendentes de imigrantes italianos que fazem parte dos quatro Centros de Tradições Gaúchas da cidade.

A italianidade fortalecida

A idéia de uma “cultura italiana” que demonstrou capacidade de ascensão econômica e social, hoje torna a italianidade francamente positivada dentro e fora do grupo. Essa valorização teve início na década de 70. As comemorações do Centenário da Imigração, em 1975, num cenário de grande desenvolvimento industrial quando muitos descendentes já haviam conquistado poder econômico e prestígio político ou social, suscitaram o aparecimento de uma vasta produção escrita. Os discursos produzidos nesse período buscavam valorizar as trajetórias dos imigrantes italianos que de pobres colonos, estigmatizados, haviam se transformado em grandes empresários devido aos valores inerentes à etnicidade.

Cabe aqui lembrar o quanto essa posituação identitária é relacional. Os descendentes de imigrantes passaram mais do que a se orgulhar de suas próprias origens, passaram a considerarem-se superiores aos demais brasileiros. Nos discursos mais atuais o descendente é progressista, desenvolvido economicamente, valorizando a trajetória marcada pela transformação da representação do colono para a do empresário bem-sucedido.

A valoração positiva e intensificação no acionamento da identidade “italiana” devem ser examinadas também à luz das conseqüências demográficas da industrialização.⁸ O sucesso dos empreendimentos empresariais demanda uma mão-de-obra não suficiente entre os habitantes da região. É necessário, então, atrair trabalhadores de outros municípios. As cidades, que até então viviam sob uma hegemonia da “cultura italiana”, passam a ter seus territórios compartilhados com sujeitos de outras regiões.⁹ A proximidade dos novos migrantes faz com que os indivíduos pertencentes à italianidade fortaleçam suas

⁷ Santos (2004) lembra o quanto seria importante se estudar essa preferência pelo grupo se aproximar de uma identidade gaúcha, ítalo-gaúchos, em detrimento da identidade nacional, ítalo-brasileiros.

⁸ O crescimento da região encontra-se inserido no contexto da economia brasileira que na década de 1970 se beneficiou do expressivo crescimento do comércio mundial e dos fluxos financeiros internacionais que desencadearam um ciclo expansivo de resultados positivos em quase todos os setores.

⁹ Entre 1971 e 1995 a população de Farroupilha passou de menos de 20 mil habitantes para cerca de 60 mil habitantes. (Jornal o Farroupilha, Edição Especial 25 anos,1995)

singularidades no sentido de manterem as fronteiras simbólicas frente aos “outros”.¹⁰ Os recém chegados, procedentes de outras regiões do próprio estado, são tidos e vistos como pessoas “de fora” e passam a ser considerados, pelos que se consideram “italianos”, como estrangeiros neste “pedaço de Europa”.

A dupla cidadania

Atualmente, a possibilidade da dupla cidadania para os descendentes de imigrantes italianos aumentou o valor e a preservação de elementos que lhes comprovem a origem. Os mais abastados inclusive viajam até a Itália para conhecerem a aldeia de onde vieram os antepassados.

O descendente Silvestrino é um empresário bem sucedido do município de Farroupilha que hoje realiza negócios comerciais com algumas empresas italianas. Ele conta que já providenciou a documentação de pedido de dupla cidadania pra toda a família. A atitude do empresário assim como de muitos outros descendentes demonstra que a busca das origens da família representa não só a busca pelo passado, mas também a possibilidade de um futuro mais próspero para os filhos uma vez que o “frente às muitas incertezas do Brasil, temos a Itália como nossa verdadeira casa”.¹¹

Através dessas pesquisas que os descendentes fazem para comprovar a ancestralidade e daí providenciar sua dupla cidadania, acabam redescobrimdo-se em identidades regionais anteriores à noção de Itália. No entanto, saberem-se friulinos, trentinos ou vênnetos, não diminui em nada a força com que auto-reconhecem “italianos”.

¹⁰ A proximidade dos novos imigrantes faz com que os indivíduos pertencentes à “italianidade” fortaleçam suas singularidades, no sentido de manterem as fronteiras simbólicas que os diferenciem frente aos outros. Como Vermeulen e Grovers (2004) afirmam, a aproximação de diferentes grupos pode gerar um temor pela perda das identidades levando ao fortalecimento de sinais diacríticos para sentirem-se fortalecidos na sua noção de pertencimento. Desta maneira, passo a pensar que a intensificação da reivindicação da “italianidade” está relacionada a esse temor provocado pela possibilidade da perda de suas singularidades devido ao estreito contato com o “outro”.

¹¹ Neste aspecto, os relatos colhidos por Zanini (2006) entre os descendentes de imigrantes italianos da região de Santa Maria são muito similares aos que pude obter entre os moradores naturais de Farroupilha. Os interesses em adquirir dupla cidadania são as mesmas: possibilidade de trabalho no exterior, bolsas de estudos, assegurar o futuro das novas gerações, todas as justificativas evidenciam a busca de ascensão social. Os empresários de Farroupilha ainda evidenciam não só o desejo de futuramente travar relações comerciais com a Itália, como muitos já o fazem.

Nem tudo é perfeito

Os mesmos sujeitos que se orgulham das virtudes que consideram naturais do grupo, também apreciam enormemente comentarem-se de maneira muito diversa, haja vista a grande penetração que tem entre os descendentes de imigrantes italianos a figura do Radicci.

Radicci ¹² é o personagem criado em 1983 pelo cartunista Iotti. É um anti-herói, amante do vinho, do ócio e que frequentemente blasfema contra os ícones da catolicidade, ou seja, bem diferente do imigrante idealizado nos discursos que circulam para a divulgação da *ethos* ¹³ do descendente do imigrante italiano.

Este personagem desmistifica a ideologia dominante que informa às memórias do grupo de que a retidão de caráter e o gosto pelo trabalho estariam no “sangue” dos descendentes de italianos. (SANTOS, 2004) Ao desviar-se do paradigma oficial compartilhado entre os descendentes de imigrantes italianos, a transgressão do personagem torna-o um herói cômico. Os comentários de uma italianidade com valores e atitudes fora dos padrões admitidos pela sociedade provocam o riso e pode ser analisado como um alívio, através do qual se permitem liberar comportamentos que lhes estão interditos na vida social (LE GOFF, 2000). Enfim, esta é mais uma forma de demonstrar que entre os descendentes de imigrantes italianos convivem, sob a construção hegemônica de uma noção de italianidade, várias possíveis significações.

Reflexões finais

Neste artigo procurei evidenciar que noção de italianidade guarda uma trajetória de definições e redefinições que dão historicidade a essa identidade e permitem um leque amplo de usos no seu cotidiano pelos diferentes protagonistas da relação. Pode-se dizer que a veiculação de uma vasta literatura exaltando a imigração e reafirmando o valor do “italiano” fundamenta as noções mais comuns encontradas nos debates informais e nas compreensões manejadas corriqueiramente sobre a italianidade.

A abordagem histórica permitiu também visualizar as oscilações do equilíbrio nas relações desses grupos. A construção da italianidade - que hoje coloca valores e dispositivos éticos e morais como sistemas dominantes nesta região - percorreu um caminho no qual,

¹² Radicci é publicado diariamente em forma de tirinhas em jornais como a Zero Hora (Porto Alegre) e O Pioneiro (Caxias do Sul). Existem álbuns publicados pela editora da Universidade de Caxias do Sul. O próprio autor incorpora o personagem para fazer programas de rádio e TV.

¹³ Neste estudo tomei a idéia de *ethos* a partir do significado trazido por Geertz (1989). Para o autor, *ethos* compreende os aspectos morais e estéticos de uma dada cultura, sua visão de mundo, o conceito de si, da natureza e da sociedade.

dependendo da maior ou menor aproximação com a cultura do entorno, não somente acionou diferentes reivindicações identitárias como se apresentou diferentemente valorada na relação.

A região colonizada por agricultores pobres e estrangeiros, foi inicialmente inferiorizada pelos sujeitos dos grupos do entorno, aristocracia rural que ocuparam anteriormente o estado do Rio Grande do Sul com atividades pecuárias. Logo, os setores latifundiários viram-se decadentes, e as áreas coloniais de descendentes de imigrantes italianos foram tomando posições econômicas e políticas de importância. Na tentativa de agregar valor simbólico a esta ascensão, os descendentes de imigrantes tomaram elementos da cultura gaúcha, reivindicando, - naquele contexto -, para o grupo, uma identidade hifenizada, os ítalo-gaúchos. Hoje, entretanto, pude observar um enaltecimento da identidade italiana muito desvinculada da imagem dos brasileiros. O “caráter empreendedor” que os acompanha está em completa oposição ao “caráter indolente” com que identificam os sujeitos não vinculados à italianidade.

Italianos puros, colonos, ítalo-gaúchos, imigrantes empreendedores, são distintividades que em certos contextos singulariza, gerando e multiplicando fronteiras e, em outros momentos – em outra escala- esses limites se deslocam para englobar esses sujeitos sob a idéia de um pertencimento comum. Essas diversas categorias acionadas, no entanto, não impedem que em determinadas ocasiões a italianidade apareça englobando a todos os descendentes de imigrantes italianos.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Thales de. **Italianos e Gaúchos**. Porto Alegre : IEL / A Nação, 1975.

BARTH, Fredrick. “Grupos étnicos e suas fronteiras”. In: Org. Poutignat & Striff-Fenart. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.

DE BONI, Luís A.; COSTA, R.. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre : EST / EDUCS, 1984.

GIRON, Loraine. As sombras do Littorio. O fascismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre : Parlanda, 1994.

LE GOFF, Jacques. O Riso na Idade Média. In: BREMMER, J.; ROODENBURG, H. (orgs). **Uma História Cultural do Humor**. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 65-82.

LEWGOY, Bernardo. **A invenção de um patrimônio**: um estudo sobre as repercussões sociais do processo de tombamento e preservação de 48 casas em Antônio Prado. Porto Alegre, 1992, 329f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - PPGAS-UFRGS.

MAESTRI, M. **Uma História do Brasil: Colônia**. São Paulo: Contexto, 1997.

MOCELLIN, Maria Clara. “Trajetória de Grupos Empresariais e Construção de Identidades em meio à Região Colonial do Rio Grande do Sul”. **Cadernos de Pesquisa. Universidade de Caxias do Sul**, v. 6, n. 5, 1998.

SANTOS, Miriam de Oliveira. **Bendito é o Fruto: Festa da Uva e identidade entre os descendentes de imigrantes italianos de Caxias do Sul-RS**. Rio de Janeiro, 2004. 314 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional.

SEYFERTH, Giralda. Identidade camponesa e identidade étnica (um estudo de caso). **Anuário Antropológico 91**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

SINGER, Paul. **Economia Política da Urbanização**. Contexto, 1998.

TEIXEIRA, Sérgio Alves. **Os recados das festas**. Rio de Janeiro : FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1988.

WEBER, Regina. **Os operários e a colméia**. Trabalho e etnicidade no sul do Brasil. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2002.

_____. "O Avanço dos Italianos". **História em Revista**; v. 10. Pelotas, UFPEL/Núcleo de Documentação Histórica. (VII Encontro Estadual da ANPUH-RS). Dez., 2004.r

ZANINI, M. C. C. **Italianidade no Brasil meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS**. Santa Maria:Ed.da UFSM, 2006